Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca

BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

15 DE MAIO
HOTEL LIBERTADOR
BUENOS AIRES-ARGENTINA

DISCURSO DURANTE JANTAR OFERECIDO PELA CLASSE EMPRESARIAL ARGENTINA

Minhas Senhoras, meus Senhores:

Agradeço, comovido, as palavras dos homens de empresa argentinos e brasileiros, aqui reunidos.

Igualmente sensibilizado, agradeço a homenagem que me prestam, esta noite, as entidades representativas do empresariado da Argentina. Guardarei desse gesto perene lembrança.

Para mim, esta ocasião assinala de maneira eloqüente a presença valiosa e construtiva dos empresários argentinos e brasileiros no diálogo que nossos países vêm intensificando.

Tenho redobrada satisfação pelo fato de minha visita haver criado a oportunidade para esta manifestação de impacto positivo nas relações entre o Brasil e a Argentina — relações a cujo serviço me encontro nesta cidade. E, posso dizer, faço-o com entusiasmo que não desejo conter ou ocultar.

Essa ênfase não é simples figura de retórica ou protocolo.

Meu entusiasmo é antigo. Vem de quando vivi, ainda criança, nesta querida Buenos Aires. Vem da simpatia que não poderia deixar de haver adquirido pelo admirável e hospitaleiro povo argentino.

Longe de arrefecê-lo, os anos só fizeram reforçar e levar adiante o impulso afetivo inicial. Hoje, o afeto daqueles dias amadurece na certeza objetiva da importância — então mais advinhada que sabida — dos laços que unem nossos países.

Estou seguro de que todos os presentes partilhamos do sentimento dessa importância. As relações entre nações com a dimensão histórica, cultural e econômica do Brasil e da Argentina devem ser vistas na perspectiva de décadas, de múltiplas décadas — talvez séculos sucessivos.

Em tal enfoque, o ocasional não pode obscurecer a riqueza do passado ou comprometer o potencial do futuro. Entre nós, não há problemas que sejam permanentes. Nem eventual dificuldade que possa prejudicar o êxito fundamental de uma convivência necessariamente harmoniosa e mutuamente frutífera.

Todos conhecemos os desafios e as oportunidades presentes em nossa agenda comum. Devemos olhar o nosso intercâmbio nos campos econômico, social e cultural com sentido prospectivo e objetividade tranqüila.

Seria desarrazoado esperar, sempre, a perfeição última, integral, irretocável. Assim como seria indigno de nossos povos cancelar os esforços ante o receio de não

podermos alcançar o ótimo desejável, mas inatingível em toda empresa humana.

Grave não é a acidental falta de entendimento sobre um ou outro ponto específico. Grave, gravíssima, seria a ausência da disposição perseverante de buscar a conciliação, a concórdia, o bem possível.

A história de nossos países tem comprovado nossa capacidade de enfrentar toda a sorte de vicissitudes e invariavelmente vencê-las. Temos sabido dar demonstrações sobejas de como superar momentâneas diferenças de interesse. Temos, sobretudo, sabido transformar em fatores de aproximação e harmonia o que poderia ser, para povos sem grandeza, obstáculos intransponíveis.

Senhores,

Nossos países atravessam momentos decisivos nos respectivos processos de desenvolvimento. Brasil e Argentina enfrentam dificuldades econômicas de natureza estritamente doméstica. Mas o impacto de dificuldades importadas intensifica as nossas, conferindo-lhes um teor de nocividade que de outro modo não teriam.

A crise energética nos traz — e ao Brasil em especial — consideráveis prejuízos. O neoprotecionismo nos países desenvolvidos impõe crescentes embaraços à expansão de nossas vendas. A inflação externa se justapõe à nossa, avivando-a, agravando-a, fazendo-a estender-se no tempo, muito além das causas internas.

Não nos escapa a circunstância de problemas equivalentes afetarem numerosos países amigos. Na verdade, fronteiras geográficas não barram fenômenos econômicos. Sua universalidade vai tornando o Mundo mais e mais in-

terdependente. Digo, porém, que a interdependência global supõe, automaticamente, a cooperação internacional. E julgo particularmente lamentável que a interpendência produza — contra a razão e a lógica — surtos de confrontação e de ressentimento. Em vez de progredir — como o exige a sorte das nações e o interesse dos povos — a cooperação parece retroceder, no plano das relações econômicas mundiais.

O mesmo não ocorre, felizmente, em nosso Continente. Aqui, esforços se tornam cada vez mais coordenados. A América Latina configura um espaço econômico viável. Temos precioso potencial de oportunidades de complementação e intercâmbio. Nossas economias se aproximam. Suas trocas evoluem. O comércio se avoluma e sofistica. Estamos criando uma estrutura de transportes e comunicações capaz de provocar e sustentar fluxos ativos de negócios.

Nossas pautas de comércio se diversificam e enriquecem. Tecnologia, serviços de consultoria e engenharia, máquinas, equipamentos sofisticados e outros bens industrializados tomam seu lugar ao lado dos produtos primários.

Para o Brasil, é um passo de alta significação, por exemplo, poder contratar na Argentina serviços antes adquiridos de países industrializados, seus tradicionais prestadores. É também exercício reconfortante colher os dados de nosso comércio bilateral. Seu valor total, em 1979, atingiu um bilhão e seiscentos milhões de dólares. Mais que o número bruto, importa acentuar que esse total representa um crescimento de 81% em relação a 1978.

Remontando a 1975, nosso comércio registra o aumento médio de 27% ano.

É estimulante saber que o Brasil já está entre os maiores fornecedores da Argentina e que a Argentina é dos mais importantes supridores do Brasil.

Por isso, multiplicam-se os ajustes entre empresas e os investimentos de parte a parte.

Agora, uma fase nova parece prefigurar válidas oportunidades de relacionamento ainda mais intenso entre os dois Países. Foi por assim pensar que o meu Governo e o do Presidente Videla viram com tanto agrado a realização deste Encontro de Cooperação Econômica Brasil-Argentina, paralelamente à visita que ora faço a Buenos Aires. Inteirei-me com satisfação dos objetivos, do temário e das premissas deste encontro de empresários.

Reconheço que, para ser próspero, nosso intercâmbio deve ser mutuamente proveitoso, fundado no equilíbrio de interesses e na repartição eqüitativa de ônus e benefícios.

Por outro lado, temos de admitir — até como salutar expressão de realismo — que nossas economias, a par de um acervo considerável de possibilidades de complementação, apresentam setores coincidentes e, freqüentemente, concorrentes. Seria irrealista supor que nossa cooperação deva assumir, sempre, modalidades uniformes, ou possa alcançar idêntica intensidade, em todas as áreas e a todo instante.

Em termos de negócios, competição não quer dizer conflito. Antes, abrem-se aí novas oportunidades: à troca de experiências, aos fornecimentos cruzados de equipa-

mentos e componentes, e até à ação concertada em terceiros mercados.

Cooperação sólida e estável requer alicerces firmes e duradouros. Êxitos de curto fôlego podem criar expectativas irrealizáveis. Sua frustração arrefece o ímpeto da aproximação e prejudica o aproveitamento de oportunidades efetivamente vantajosas.

Os avanços que buscamos serão de valia também no plano da cooperação entre os países latino-americanos. O espaço bilateral é, ao mesmo tempo, instrumento e beneficiário do multilateral. As relações brasileiro-argentinas — sem perda de sua dinâmica específica — devem inscrever-se harmonicamente no contexto mais amplo da colaboração regional.

Senhores empresários,

Tenho admiração por seu esforço e pelo que representa sua atividade como fator de desenvolvimento em nossos países e suporte para nosso intercâmbio.

Governos abrem as fronteiras políticas. Estabelecem quadros institucionais propícios ao relacionamento econômico. Situam e dirimem pendências. Estabelecem e clarificam normas de comércio. Informam e apóiam os interessados no intercâmbio.

Mas os empresários têm uma presença indispensável nas relações externas. Por mais propícios que sejam os quadros institucionais eles se esvaziarão e desprestigiarão se os homens de negócios não os aproveitarem com sua dinâmica própria.

Neste Encontro de Buenos Aires, os Senhores estão tornando mais densos nossos laços, incorporando-lhes sua

imaginação e experiência inestimáveis, multiplicando os canais de contacto e identificando e despertando oportunidades.

A tarefa que têm pela frente é grandiosa e complexa. Os Senhores desempenham papel fundamental no processo de entendimento e aproximação entre nossos países.

A aproximação desejável e desejada não assenta apenas na fria coincidência de interesses, mas em identidades fundamentais. Argentinos e brasileiros, somos cidadãos de países distintos, embora membros da mesma família. Temos justificado orgulho de nossas marcantes personalidades nacionais.

Mas somos iguais nos propósitos de convivência pacífica. Fraternos na cooperação para o desenvolvimento. Aliados em esperanças e sonhos. Solidários na busca do inalienável destino que corresponde à grandeza de nossas pátrias.

Além e acima de tudo, somos amigos. A amizade nos motiva. Em momentos como este, comove e exalta.

Por força dessa amizade, somos impelidos no caminho do entendimento sem preconceitos — para o progresso que nossos povos almejam e, por tão justos títulos, tanto merecem.

Muito obrigado.